

A SAÚDE MENTAL NO AMBIENTE ESCOLAR: CONEXÕES ENTRE A ADOLESCÊNCIA, A ESCOLA E A FAMÍLIA

MENTAL HEALTH IN THE SCHOOL ENVIRONMENT - CONNECTIONS BETWEEN ADOLESCENCE, SCHOOL AND FAMILY

Geórgia Rosa Lobato¹, Annita Fundão Carneiro dos Reis², Bruna Maia Pinheiro³,
Diego Prata Pereira de Menezes⁴, Isabelle Barreto⁵, Ana Maria Pereira Brasilio de Araújo⁶,
Laura Corrêa de Magalhães Landi⁷

RESUMO

O presente artigo analisa as atividades realizadas pelo projeto de Extensão Adolescer II, conduzido no Centro Educacional Serra dos Órgãos (CESO). Adotou-se uma abordagem interprofissional, englobando estudantes e docentes dos cursos de Medicina e Psicologia do UNIFESO. Os objetivos principais foram identificar questões relevantes que contribuem para o sofrimento psíquico entre os adolescentes e a equipe docente e construir ferramentas em colaboração com a comunidade escolar visando abordar as questões de saúde mental identificadas e seu enfrentamento. Utilizou-se a metodologia da cartografia para o acompanhamento dos processos e a produção de subjetividade, adotando a abordagem de pesquisa-intervenção. Um estudo de análise qualitativa foi conduzido para o tratamento e interpretação dos dados. Acredita-se que o suporte em saúde mental no ambiente escolar proporciona um espaço reflexivo sobre os processos de subjetivação, permitindo melhorias na qualidade de vida e redução de possíveis impactos nas relações e na aprendizagem decorrentes dos sofrimentos vivenciados. Concluiu-se que as atividades extensionistas do “Adolescer II” proporcionaram a construção de novos conhecimentos, habilidades e atitudes sobre saúde mental e adolescência e contribuiu com o exercício teórico-prático entre diferentes profissões da área da saúde com vista a qualificar a atenção à saúde da comunidade.

Palavras-chave: Adolescência; Saúde Mental; Educação em Saúde.

ABSTRACT

This article analyzes the activities carried out by the Adolescer II Extension project, conducted at the Serra dos Órgãos Educational Center (CESO). An interprofessional approach was adopted, encompassing students and professors from UNIFESO's Medicine and Psychology courses. The main objectives were to identify relevant issues that contribute to psychological distress among adolescents and the teaching team and to build tools in collaboration with the school community to address the identified mental health issues and their coping. The cartography methodology was used to monitor the processes and produce subjectivity, adopting the research-intervention approach. A qualitative analysis study was conducted to process and interpret the data. It is believed that mental health support in the school environment provides a reflective space on subjectivation processes, allowing improvements in quality of life and reducing possible impacts on relationships and learning resulting from the suffering experienced. It was concluded that the extension activities of “Adolescer II” provided the construction of new knowledge, skills and attitudes about mental health and adolescence and contributed to the theoretical-practical exercise between different professions in the health sector with a view to qualifying health care of the community.

Keywords: Adolescence; Mental health; Health education.

1 Psicóloga, mestre em saúde da família, docente do Curso de Medicina e Psicologia, Unifeso, georgialobato@unifeso.edu.br.

2 Discente do Curso de Medicina, Unifeso, annitafundao@gmail.com.

3 Discente do Curso de Psicologia, Unifeso, pmaia.bruna@gmail.com.

4 Discente do Curso de Psicologia, Unifeso. diegoprata@live.com.

5 Discente do Curso de Medicina, Unifeso. Isabellebarreto97@gmail.com.

6 Psicóloga, Doutoranda em psicossociologia de comunidades e ecologia social, docente do Curso de Medicina e Psicologia, Unifeso, anamariaaraujo@unifeso.edu.br.

7 Psicóloga, mestre em saúde pública, docente do Curso de Medicina e Psicologia, Unifeso, lauralandi@unifeso.edu.br.

1. INTRODUÇÃO

O presente artigo analisa as atividades extensionistas realizadas no ADOLESCER II: UM PROJETO DE EXTENSÃO SOBRE A SAÚDE MENTAL NO AMBIENTE ESCOLAR, conduzido durante os anos de 2022 e 2023 por professores e estudantes dos cursos de Medicina e Psicologia do Centro Universitário Serra dos Órgãos (Unifeso). O projeto consistiu em iniciativas de extensão dedicadas ao cuidado da saúde mental de estudantes adolescentes, educadores e equipe psicopedagógica do Centro Educacional Serra dos Órgãos (CESO), sendo respaldado por financiamento aprovado pela Unifeso.

A trajetória extensionista do Projeto Adolescer teve início em 2020 com o “Adolescer I”. Esse projeto evoluiu a partir de análises bibliográficas acerca da adolescência e saúde mental, seguidas por coleta de dados obtidos por meio de rodas de conversa com coordenadores, professores e estudantes adolescentes no contexto escolar. Os dados coletados foram classificados e organizados em quatro categorias temáticas: “Percepção e Detecção das Questões de Saúde Mental”, “Habilidades e Atitudes Frente à Questões de Saúde Mental”, “Relação Família e Escola” e “Escola, Adolescência e Pandemia”. As duas primeiras categorias foram abordadas no primeiro biênio do Adolescer⁸, enquanto as duas últimas foram exploradas em 2022 e 2023.

O Adolescer II iniciou com a temática “Escola, Adolescência e Pandemia”, em momento de retorno às aulas no formato presencial, destacando os efeitos do isolamento social na comunidade acadêmica em virtude da pandemia de COVID 19.

No ano de 2023, o projeto promoveu rodas de conversa com foco na temática “Família, Adolescência e Escola”, reconhecendo que essa tríade está intrinsecamente ligada ao processo de aprendizagem e à saúde mental tanto dos estudantes quanto do corpo docente, ao longo do desenvolvimento de todos os temas abordados anteriormente. É importante destacar que a relação entre a escola e a família foi um dos principais desafios no cenário atual do cotidiano escolar. Assim, compreendemos a inseparabilidade entre família e escola no contexto do ensino-aprendizagem de crianças e adolescentes.

“[...] a família e a escola são os primeiros contextos de vivências em sociedade, em que a criança se relaciona com adultos. Logo, a parceria entre elas é fundamental, cabendo à escola oportunizar espaços mais participativos. No contexto de desenvolvimento da criança não é possível tratar a família e a escola de maneira dissociada, tendo em vista que o processo de se desenvolver ocorre por meio das diversas mediações presentes no cotidiano” (GUZZO e SILVA, 2019, p. 02).

A adolescência constitui uma fase de transição entre a infância e a idade adulta, integrando o processo contínuo do desenvolvimento humano. Abrangendo a faixa etária dos 10 aos 19 anos, esse período é caracterizado por notáveis transformações e descobertas, proporcionando aos indivíduos a vivência de novas emoções e sensações. Portanto, trata-se de um momento dedicado à construção de questões subjetivas inéditas, no qual os adolescentes enfrentam tomadas de decisão e fazem escolhas em busca de uma maior autonomia (OMS, 2014).Parte superior do formulário

Quando se aborda o sofrimento psíquico em adolescentes, torna-se evidente que uma variedade de fatores pode exercer influência na saúde mental nessa etapa da vida, abrangendo não apenas aspectos individuais, mas também elementos familiares, socioeconômicos e culturais (AVANCI et al., 2007). Esses diversos fatores exercem impacto no bem-estar de cada indivíduo, destacando a necessidade de elaborar cuidados por meio de uma análise inclusiva e participativa.Parte superior do formulário

Compreender a escola como integrada à realidade e à vida da comunidade acadêmica que a compõe implica, ao trabalhar neste projeto no contexto escolar, promover a saúde nas suas dimensões biopsicossociais. Isso significa estimular que o ambiente acadêmico proporcione não apenas a aquisição de conhecimentos, mas

⁸ Este trabalho encontra-se publicado em Lacerda *et al.*, ADOLESCER: UM PROJETO DE EXTENSÃO SOBRE A SAÚDE MENTAL DE ADOLESCENTES NO AMBIENTE ESCOLAR. JOPIC, 2021.

também o desenvolvimento de habilidades sociais e emocionais por parte de estudantes e professores. Essas habilidades são essenciais para enfrentar os desafios que se apresentam diariamente no ambiente escolar.

Nesse contexto, conceber a educação como um processo voltado para a formação de indivíduos conscientes e mais autônomos, preparados para desempenhar seus papéis na sociedade, atribui a este projeto de extensão uma responsabilidade significativa. Ao integrar profissões da saúde na educação de crianças e jovens, e servir como espaço para a formação contínua de professores, a iniciativa busca ampliar a compreensão do cuidado e do autocuidado no âmbito da saúde mental escolar.

O projeto adota uma abordagem interprofissional, envolvendo estudantes de Medicina e Psicologia. A perspectiva interprofissional destaca a colaboração entre duas ou mais profissões, visando produzir cuidado abrangente em saúde e considerando o indivíduo como um ser biopsicossocial (COSTA, et al., 2015).

Desta forma, o presente artigo pretende descrever as estratégias de intervenção desenvolvidas no projeto de extensão *Adolescer II*, analisando o trabalho construído entre a equipe do projeto, direção da escola CESO, professores e estudantes adolescentes.

2. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

Desde o início do projeto, a equipe tem se dedicado à pesquisa de autores considerados referências nos temas relacionados à adolescência, saúde mental, cartografia e interprofissionalidade. É fundamental compreender a adolescência como «a transição de uma postura de mero observador para uma atitude ativa e questionadora, capaz de gerar revisão, autocritica e transformação. A adolescência, concebida como um processo de transformação, incorpora formas de expressão provenientes da sociedade e da cultura» (BECKER, 1989, p. 10).

A adolescência é descrita como uma fase “instituída em nossa cultura, tornando-se problemática e merecedora de destaque em nossos estudos quando o olhar adulto não identifica nela os sinais da transição para a vida adulta” (CALLIGARIS, 2000, p. 20). Segundo o autor, a adolescência é caracterizada como um período no qual é imposta uma moratória. O adolescente experimenta uma suspensão, não sendo mais categorizado como criança, mas também não sendo considerado igual aos adultos, apesar de já ter alcançado maturidade física e assimilado os valores socialmente compartilhados. Nesse contexto, as características frequentemente associadas aos adolescentes, como insegurança, rebeldia e a busca por pertencimento a um grupo, são interpretadas como respostas ao não reconhecimento social (BOCK, 2007).

Explorar a adolescência sob a perspectiva sócio-histórica, atualmente nos leva a questionar as repercussões da pandemia de COVID-19, que se tornou um marco em nosso século no que se refere aos processos de subjetivação dos adolescentes. Nesse contexto, o isolamento social, agravado pelo fechamento das escolas, resultou na privação do convívio com os pares, algo fundamental para a socialização e forçou uma intensificação do convívio familiar.

Estudos recentes, pesquisas, reportagens e artigos jornalísticos têm destacado os impactos adversos da pandemia na saúde mental de crianças e jovens. Tanto estudos nacionais quanto internacionais indicam que, durante este período, os adolescentes experimentaram sentimentos como nervosismo, tensão e ansiedade (CARNEIRO et al., 2022), além de enfrentarem tristeza, depressão, dificuldades nas relações interpessoais e no reconhecimento das emoções (MARQUES et al., 2020). Outras manifestações incluem insônia e outras alterações no sono (SIRQUEIRA et al., 2022), situações de violência auto infligida e aumento das vulnerabilidades psicossociais (COUTINHO et al., 2022), bem como alterações no humor e deterioração da saúde física (FIOCRUZ, 2020).

A segunda edição do Relatório do CONJUVE intitulado “Juventudes e Pandemia do Coronavírus - Relatório Nacional” (2021), baseado em entrevistas com mais de 68.000 jovens brasileiros, revela que 60% dos jovens indicam ter desenvolvido ansiedade e um uso excessivo das redes sociais, direta ou indiretamente relacionados à pandemia. Além disso, 40% relataram insônia, 17% mencionaram sintomas de depressão, e 9%

afirmaram ter experienciado automutilação ou pensamentos suicidas. Notavelmente, esse último número, de acordo com o relatório, é ainda mais elevado na faixa etária dos 15 aos 17 anos.

A “Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar”, conduzida pelo IBGE (2019), fornece informações sobre as dificuldades nas relações interpessoais, indicando que 2,1% dos adolescentes do 9º ano do Ensino Fundamental na cidade do Rio de Janeiro relatam não ter amigos próximos. O mesmo estudo aborda as percepções dos adolescentes em relação ao próprio corpo e autoimagem, revelando que 22,8% dos adolescentes cariocas do 9º ano do Ensino Fundamental se veem como gordos ou muito gordos, enquanto 28,9% se consideram magros ou muito magros. Adicionalmente, 29,8% dos adolescentes afirmam estar tentando perder peso corporal, enquanto 13,5% estão tentando ganhar peso corporal (IBGE, 2019). Ao refletir sobre esses dados, observa-se que 95% dos adolescentes participantes da pesquisa na cidade do Rio de Janeiro expressam insatisfação com seus próprios corpos.

Assim, é evidente que os jovens envolvidos na pesquisa enfrentam consideráveis desafios na relação intrapsíquica de percepção corporal, em contraste com as dificuldades nas relações interpessoais. Isso se reflete no fato de que apenas 2,1% dos jovens mencionam não ter amigos próximos, enquanto 95% expressam insatisfação com seus corpos, fatores cruciais para a determinação da saúde mental.

A pandemia de COVID-19 intensificou as questões de saúde mental que já estavam sendo enfrentadas pelos adolescentes antes desse período, persistindo mesmo após a fase mais crítica da pandemia. A pesquisa nacional da Fiocruz (2020), intitulada “ConVid Adolescentes: Pesquisa de Comportamentos”, revela que 30% dos adolescentes perceberam uma deterioração em seu estado de saúde durante a pandemia. A pesquisa destaca que 48,7% dos adolescentes no país têm experimentado preocupação, nervosismo ou mau humor na maioria das vezes ou sempre. Há um aumento no sedentarismo, indicando que 20,9% dos jovens que não praticavam 60 minutos de atividade física em nenhum dia da semana antes da pandemia agora são 43,4%. Setenta por cento dos brasileiros de 16 a 17 anos passaram a ficar mais de 4 horas por dia em frente ao computador, tablet ou celular, além do tempo das aulas online. Além disso, 23,9% daqueles entre 12 e 17 anos começaram a enfrentar problemas de sono e 59% relataram dificuldades para se concentrar nas aulas a distância.

Os dados apresentados podem traduzir que as transformações enfrentadas por adolescentes e suas famílias durante o período de isolamento social devido a pandemia, deixaram impactos significativos no ambiente escolar. É sobre esses novos desafios que o projeto de extensão *Adolescer II* concentra sua atenção, proporcionando espaços para a expressão, escuta e análise da saúde mental dos adolescentes.

3. METODOLOGIA: A CARTOGRAFIA COMO MÉTODO DE ESTUDO E INTERVENÇÃO

As intervenções no campo prático iniciaram-se junto a coordenação da escola, visando identificar as atuais necessidades relacionadas à saúde mental e estabelecer acordos sobre as atividades a serem conduzidas com o corpo docente e discente para trabalharmos duas categorias temáticas que haviam sido destacadas na primeira fase do projeto e que impulsionaram a continuidade do mesmo, desdobrando-se no *Adolescer II*: “Escola, Adolescência e Pandemia” e “Família, Escola e Adolescência”. Em seguida, realizamos encontros presenciais, conforme orientação da direção da unidade educacional, nos quais desenvolvemos atividades interativas junto à comunidade escolar. Durante esses encontros, foram proporcionados espaços de diálogo e escuta para abordar as dificuldades relacionadas ao sofrimento psíquico identificadas.

Ao todo, foram conduzidos dezenove encontros com os estudantes adolescentes, abordando as temáticas de “Escola, Adolescência e Pandemia” e “Família, Escola e Adolescência”. As atividades foram realizadas em grupo, na sala de aula da escola. Cada encontro era iniciado com a apresentação da equipe do Projeto *Adolescer*, composta por um professor pesquisador e dois a três estudantes dos cursos de Medicina e Psicologia. Em seguida, era feito um pacto com o grupo, enfatizando o respeito, sigilo e compromisso em relação às narrativas uns dos outros. Posteriormente, iniciava-se uma sensibilização para o tema e iniciava-se uma roda de conversa,

possibilitando a livre expressão de cada estudante. Ao final de cada encontro, os adolescentes recebiam um papel no qual poderiam traduzir, de forma escrita algo que refletisse suas vivências na atividade, depositando-o em uma caixa como produto síntese do encontro.

Foram realizados dois encontros com os coordenadores e professores do Ensino Fundamental II e Ensino Médio. Os professores foram recebidos pela equipe *Adolescer* em uma sala decorada com fotos da primeira etapa do projeto e o produto síntese do mesmo, uma cartilha. A cartilha, que sintetizava os resultados do *Adolescer 1*, estava disponível online e foi entregue impressa durante a reunião. Iniciamos o encontro apresentando-nos e revisando as ações conduzidas pelo *Adolescer* no CESO desde 2020. Em sequência, por meio de uma dinâmica de sensibilização sobre a adolescência ontem e hoje, abordamos a temática “Família, Escola e Adolescência”, utilizando a metodologia de roda de conversa.

A roda de conversa, metodologia para trabalhar com grupos, escolhida para este projeto, estimula diálogos capazes de reconfigurar conhecimentos, com a capacidade de suspender as relações de poder. Sobre essa abordagem, Sampaio e colaboradores (2014) afirmam que os participantes das rodas de conversa “se implicam, dialeticamente, como atores históricos e sociais críticos e reflexivos diante da realidade. Dissolve-se a figura do mestre como centro do processo, emergindo a fala como um signo de valores, normas, cultura, práticas e discurso” (p. 1301).

No que se refere a capacitação dos estudantes envolvidos no projeto, foram oferecidas três oficinas de apoio à metodologia proposta, destacando a estratégia metodológica da Cartografia, com ênfase no livro “Pistas do Método da Cartografia: Pesquisa intervenção e produção da subjetividade” (PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, LILIANA, 2010). O intuito dessas oficinas foi qualificar o projeto de extensão como uma oportunidade de aprendizagem teórico-prática, reconhecendo a importância de discutir as questões e propostas da metodologia utilizada no *Piex “Adolescer II”*. Abordaram a apresentação das contribuições da cartografia em metodologias processuais de pesquisa e atividades extensionistas contemporâneas, a discussão da articulação com o conceito de subjetividade e a exploração do acompanhamento de processos por meio do uso de ferramentas para coleta e análise de dados.

Com a participação constante dos estudantes e professores dos cursos de Medicina e Psicologia, as discussões nas oficinas enfatizaram a inseparabilidade entre conhecer e fazer no campo extensionista. Partiu-se do entendimento de que a relação entre pesquisa e intervenção é inerente, destacando o princípio inegociável na metodologia cartográfica de que toda pesquisa é intervenção. Essa intervenção ocorre no campo extensionista, ou seja, no ambiente escolar, e também em nós, estudantes e professores que compõem o *Adolescer*, numa composição de corpos envolvendo afecção mútua e “afetamentos”.

A realização da atividade de campo implica a imersão em um território específico. Em nosso contexto, esse território é o escolar, abrangendo dimensões físicas, simbólicas e eminentemente existenciais (ALARCON, 2017). Em nossas experiências, o significado desse conceito emerge das histórias compartilhadas por estudantes e professores do Cesó, que narram o seu cotidiano. Valorizar essas narrativas é uma parte fundamental do processo cartográfico, envolvendo uma análise em constante evolução.

O diário cartográfico é uma ferramenta de pesquisa crucial na cartografia, permitindo o contato direto com a comunidade escolar, especialmente com seu território existencial. Ele facilita a reflexão e a desnaturalização das práticas, a exploração da complexidade do trabalho, a construção de significado para as próprias ações, sejam elas individuais ou coletivas, além de fornecer subsídios para a análise dos dados e ser uma fonte para o desenvolvimento de princípios éticos. Vale ressaltar que, juntamente com os diários cartográficos, foram utilizados outros instrumentos de coleta de dados, como as rodas de conversa com professores, estudantes, corpo diretivo e orientação pedagógica, além da análise documental a partir do relatório produzido no *Adolescer I* e de documentos institucionais do Cesó.

A análise de dados ocorre de maneira processual, valorizando as experiências e adotando a perspectiva da pesquisa qualitativa. O tratamento e interpretação dos dados seguem a abordagem temática da Análise de Conteúdo (MINAYO, 2004). A sistematização das informações coletadas baseia-se nos principais núcleos de

sentido e analisadores emergentes no campo. Esses núcleos refletem as regularidades discursivas e os sentidos frequentes e singulares presentes nas falas.

Os dados colhidos, desde o início do projeto em 2020, foram organizados em categorias temáticas, levando em consideração os objetivos do projeto e sua associação aos núcleos de sentido e analisadores. No Adolescer II, desenvolvido nos anos de 2022 e 2023 trabalhamos com duas categorias temáticas sendo a primeira escola, adolescência e pandemia e a segunda relação família e escola, cujos elementos serão apresentados como resultados desta atividade extensionista.

3.1 Escola, adolescência e pandemia

Em 2022, a equipe do projeto Adolescer implementou estratégias de intervenção no CESO, concentrando-se na categoria temática “Escola, adolescência e pandemia”, cujos núcleos de sentido foram definidos pelos seguintes aspectos: preconceito com aqueles que se tratam em Saúde Mental; Redes Sociais e adolescência; pandemia e sofrimento, retorno para escola e pressões, tensões, exigências e expectativas dos adolescentes e suas famílias em relação às suas escolhas de vida. O plano de ação envolveu reuniões de pactuação com a coordenação da escola sobre os encontros direcionados a professores e estudantes, abrangendo do 7º ano do Ensino Fundamental ao 3º ano do Ensino Médio.

A experiência proveniente dos encontros com professores, alunos e coordenadores revelou uma significativa correlação com a bibliografia sobre saúde mental, adolescência e pandemia. Em geral, nos encontros, diversas questões emergiram acerca dos impactos da pandemia de COVID-19 na saúde mental dos adolescentes em idade escolar. Temas como o isolamento social imposto pela pandemia, as relações familiares, as pressões dos familiares e o retorno ao ambiente escolar geraram expectativas significativas sobre o desempenho escolar e os relacionamentos na escola e com os familiares.

No que diz respeito ao corpo docente, as preocupações abordadas referiram-se a lidar com as demandas emocionais e relacionais apresentadas pelos adolescentes, conciliando-as com as exigências do programa pedagógico. Muitos professores questionaram se o espaço da sala de aula seria adequado para acolher essas questões e se eles seriam os profissionais adequados para realizar essa escuta.

O trabalho com a coordenação teve início no primeiro semestre de 2022, com a identificação das necessidades percebidas pela escola em relação à saúde mental dos adolescentes e a pactuação das atividades a serem realizadas com corpo docente e discente. Nestes encontros foi colocado para equipe aquilo que já havia sido identificado em nossa análise de dados na primeira etapa do projeto, que se tratava da relação da escola com a família dos adolescentes e o sofrimento dos adolescentes que estava cada vez mais presente no ambiente escolar.

No decorrer das ações voltadas aos estudantes, ficou evidente que um espaço de livre expressão com acolhimento proporcionou uma experiência diferente do habitual dentro da sala de aula, promovendo uma ocupação alternativa do mesmo espaço. Foi um convite para vivenciar a sala de aula escolar de maneiras distintas, incluindo a remoção dos sapatos na frente do quadro branco, o arrastar das carteiras e deitar-se no chão, com a luz apagada e música instrumental em vez da voz de professores e colegas. Isso permitiu que os estudantes deixassem de lado o conteúdo programático habitual, abrindo espaço para reflexões sobre como vivenciaram o auge do isolamento social e como se percebem atualmente.

Nos encontros, é relevante destacar que não foram abordadas perguntas com respostas definidas; ao contrário, o objetivo era proporcionar uma análise dos temas, criando espaço para problematizações. Nesse contexto, ao refletirem sobre a percepção de si mesmos antes e depois da pandemia, apareceram frases por parte dos estudantes como:

“continuo sem resposta até agora”

“acho que estou descendo a ladeira”

“até agora, estou me reconstruindo”

“revi meu jeito de ser”

“ficar um ano inteiro sozinho foi difícil, ainda mais para mim, que sou falante”.

Durante esse encontro com os adolescentes abordaram-se temas como a construção da identidade pessoal, relações interpessoais com amigos e amigas, relação com pais no isolamento social e relação com a turma e professores da escola. Além das frases mencionadas anteriormente, que indicam a construção da própria identidade e o reconhecimento dos próprios sentimentos, muitos adolescentes realizaram análises das mudanças vivenciadas durante o isolamento social. Eles discutiram seus interesses antes e depois desse período, bem como os sentimentos associados, sobre os quais pode-se destacar o “medo”, “raiva”, “rivalidade”, “maturidade”, “sentimento de não pertencimento”, “ficava trancada”, “cobrança”.

Além disso, houve um reconhecimento das mudanças que ocorreram para além da pandemia, revelando dificuldades enfrentadas anteriormente nas interações sociais, nos encontros com os outros e na construção de laços sociais com seus pares. Algumas frases destacadas foram: “Já estava mal antes da pandemia”, “não mudou muita coisa, antes já me sentia deslocada na rua, com colegas”, “antes da pandemia já estavam acontecendo coisas loucas”, “nunca me adaptei na escola, nunca me socializei”.

Quanto às relações com os pais e responsáveis, os estudantes compartilharam experiências que refletem as dificuldades de estar em casa durante o isolamento social e o reconhecimento dos pais como sujeitos com sentimentos, questões e dificuldades. Algumas frases que podem ilustrar esta percepção foram: “não foi fácil ficar em casa com meus pais”, “estranho e difícil ter os dois (pai e mãe) em casa, foi até estressante”, “eles (pai e mãe) são humanos”, “tenho me afastado deles (pai e mãe)”, “me trancava no banheiro para fugir (pai)”.

Ao final da roda de conversa, os adolescentes reconheceram a importância de espaços de reflexão como os proporcionados pelo Adolescer, expressando a necessidade de tais espaços de encontro e troca. Suas falas incluíram: “a gente precisa muito”, “toda semana”, “pode virar matéria?”

3.2 Relação família e escola

Dando continuidade às atividades do Adolescer, em 2023, a equipe desenvolveu estratégias de intervenção concentrando-se na categoria temática “Relação família e escola”, delineada pelos seguintes núcleos de sentido: relação do professor, coordenação, estudante e família; envolvimento dos pais na educação dos filhos; relação dos pais e escola. Para isto, foram promovidos encontros com professores do Ensino Fundamental II e Ensino médio e com estudantes do 7º ano do Ensino Fundamental ao 2º ano do Ensino Médio. Vale esclarecer que não houve data compatível para encontro com o 3º ano do Ensino Médio. Os encontros com os professores ocorreram em datas de reunião de professores e com os estudantes, em horário escolar, calendarizado previamente com a direção, com duração de uma hora, nas salas de aula de cada turma.

As rodas de conversa com os estudantes sobre adolescência, família e escola e as relações com a saúde mental objetivou construir um espaço para expressão e escuta das impressões, sensações e sentimentos dos adolescentes. Ao término de cada encontro, houve uma sistematização por meio de registros livres em uma folha de papel Craft, através de uma frase, palavra ou desenho, que resumisse o encontro daquele dia. Durante esses encontros, foram coletados relatos significativos de conflitos entre os jovens e suas famílias, além de insatisfações dos adolescentes em relação à escola, gerando um sentimento de sobrecarga, expresso por um estudante do 7º ano como “uma sobrecarregação”.

No encontro com o 9º ano, um estudante definiu a adolescência como “um combo de coisas que a gente não está preparado”. As discussões nesse grupo destacaram a necessidade de espaços contínuos de encontro nos quais os adolescentes possam expressar-se mais livremente, uma vez que, em sala de aula, nem sempre isso é possível devido aos compromissos dos professores com a matriz curricular e os planos de aula.

Os encontros com o ensino médio, ocorreram três sessões. No primeiro encontro com a turma do 1º ano, notou-se uma participação ativa da maioria dos estudantes na roda de conversa. Entretanto, alguns alunos recentemente transferidos para a escola enfrentaram dificuldades em se manifestar, embora tenham destacado a recepção calorosa da turma. O segundo encontro com essa turma e o primeiro com a turma do 2º ano ocorreram em novembro, durante o encerramento do semestre escolar, resultando em uma diminuição na participação dos alunos. Ao serem questionados sobre a relação entre adolescência, família e escola, ambas as turmas expressaram respostas comuns como “caos”, “angústia”, “ansiedade”, “pressão” e “maturidade”.

Os alunos discutiram a falta de autonomia e reconhecimento em suas relações com a escola e a família, refletindo a ideia de moratória proposta por Calligaris (2000). Alguns participantes expressaram a sensação de falta de reconhecimento, indicando que “a escola força que a gente tenha responsabilidade, mas, quando chega a hora da gente assumir, eles acionam os meus pais”. Houve também relatos sobre a insatisfação na relação entre família e escola, destacando-se situações em que a escola se comunicava diretamente com os pais por e-mail, causando conflitos familiares.

O terceiro encontro no ensino médio com a turma do 2º ano, abordou a ansiedade em relação ao futuro, especialmente o encerramento do ciclo escolar e o início de uma nova fase. Os alunos compartilharam estratégias para enfrentar essa ansiedade, como o envolvimento em atividades esportivas, a importância das amizades e das interações sociais, bem como o papel da arte como ferramenta de regulação emocional.

Ao final dos encontros, os adolescentes destacaram a importância do projeto no ambiente escolar, reconhecendo-o como um espaço de reflexão e identificação mútua. As palavras “acolhimento” e “liberdade” foram recorrentemente mencionadas como características valiosas do projeto.

O encontro com os professores ocorreu em dois momentos, sendo o primeiro destinado à devolução das ações implementadas pelo Projeto desde 2020 até aquele momento e conversa sobre a primeira categoria temática: “Escola, adolescência e pandemia”. Nos sentamos em formato de roda e na sala havia varais contendo fotos que traduziam as atividades do Projeto e uma cartilha para cada participante, produto da primeira etapa do *Adolescer*, cujo objetivo principal foi fornecer informações sobre adolescência e saúde mental. Ressalta-se que a necessidade de informações sobre este tema por parte dos professores e equipe diretiva da escola foi colhida na primeira etapa do projeto. Ao final da atividade, abordamos o varal de fotos e solicitamos que cada professor recolhesse sua cartilha, ao som da música “Coração de Estudante”, de Milton Nascimento e Wagner Tiso. A cartilha havia sido entregue à direção da escola ao final da primeira etapa do Projeto em meio digital e divulgada aos professores e estudantes também por meio digital. Sequencialmente, os professores começaram a compartilhar suas percepções sobre os estudantes e como voltaram ao modelo presencial e disseram que os adolescentes trazem para a escola questões que pertencem a outros domínios, especificamente temas familiares que chegam à sala de aula para que os professores resolvam.

No segundo encontro, nossa equipe planejou introduzi-lo com uma música e uma reflexão guiada objetivando que cada um se conectasse com sua adolescência. Para isto os professores se sentaram no chão (estávamos em uma sala com um tatame de borracha para proporcionar um a conforto maior) e alguns se deitaram. Ao final da dinâmica perguntamos como estavam se sentindo e alguns falaram sobre memórias de suas adolescências. Em seguida, colocamos a pergunta disparadora “Como o tema ‘adolescência, família e escola’ se manifesta em seu cotidiano?” os professores rapidamente mergulharam no tema a ser explorado e iniciaram suas falas. Optou-se por não interromper o fluxo de diálogo já iniciado, considerando essa urgência sobre o tema como um elemento analisador valioso para a pesquisa.

Neste encontro com os professores, coletamos declarações que indicam relações distantes entre professores, adolescentes e famílias. Falaram que questões familiares dos adolescentes como a distância dos pais e falta de diálogo em casa vem parar na sala de aula:

“Está pior hoje com os adolescentes, porque tem mais conflitos nas famílias” (professor 2)

“Depois da pandemia, tudo ficou mais intenso entre as famílias” (professor 3)

“Falta tempo para eles em família” (professor 4).

Os sentimentos de sobrecarga e exigência que aparecem entre os adolescentes, também se fizeram presentes entre os professores, como é possível perceber nos seguintes relatos:

“Ocorre uma terceirização da família para a escola. Sempre ocorreu, mas agora (pós pandemia) é mais forte” (professor 5)

“O que é exigido do professor hoje é desumano, professor tem que ser tudo: pai, mãe, psicólogo, ensinar a amarrar o tênis e ser professor.” (professor 6)

As discussões abordaram o estágio atual do projeto de extensão, e as descobertas oriundas das rodas de conversa com estudantes e professores são continuamente compartilhadas com a equipe diretiva para que o trabalho possa influenciar nas dinâmicas do cotidiano escolar. Devido à abordagem cartográfica, os resultados não são simplesmente alcançados ao término da atividade de extensão, mas são constantemente identificados e repassados à escola em cada etapa, de acordo com o plano previamente estabelecido pela equipe do projeto.

Na etapa final do Projeto Adolescer em 2023, que consiste em construir produtos que possam ser utilizados pela escola com o intuito de fortalecer a saúde dos adolescentes e professores no ambiente escolar, propomos a implementação de dois recursos educacionais. Esses recursos possibilitarão que os professores e coordenadores incentivem de maneira independente a comunicação e o diálogo com os alunos, por meio de atividades que promovam a expressão, a escuta e a reflexão sobre o sofrimento psíquico no cotidiano escolar. São ferramentas concebidas para aproximar a equipe docente das demandas apresentadas pelos adolescentes no contexto escolar.

Um desses produtos é a Caixa Itinerante dos Afetos, uma ferramenta disparadora na qual estudantes e professores podem depositar anonimamente suas perguntas e preocupações. A coordenação será responsável por abrir a caixa e realizar um levantamento das questões mais mencionadas pelos estudantes. Com base nesse levantamento, a equipe pedagógica planejará e desenvolverá atividades que abordem as necessidades identificadas.

A caixa é uma ferramenta projetada com o principal objetivo de facilitar diálogos, identificar e lidar com as situações trazidas pelos adolescentes, professores e equipe pedagógica. A escola tem autonomia para decidir quando e como utilizar esse recurso. A caixa pode ser itinerante, permanente, em um local fixo ou circular, conforme as necessidades e desafios identificados pelo ambiente escolar. Entretanto, é fundamental o comprometimento da escola em recolher o material depositado na caixa pelos estudantes, professores e equipe pedagógica. Esse compromisso é essencial para garantir a confidencialidade e o respeito aos conteúdos compartilhados, além de permitir o acompanhamento e o suporte adequado às questões levantadas pelos estudantes.

O segundo recurso é um conjunto de Cartas Terapêuticas, desenvolvido para estimular reflexões emocionais, expressão criativa e a troca de experiências. Esse recurso possibilita oportunidades de interação e debate na sala de aula. O jogo “ADOLESCER” está disponível como uma ferramenta para a Coordenação do Centro Educacional Serra dos Órgãos, que detém autonomia para decidir quando e de que maneira incorporar o jogo, de acordo com as demandas e desafios identificados no ambiente escolar. O objetivo principal é facilitar diálogos, identificar e abordar as situações trazidas pelos adolescentes, professores e equipe pedagógica.

A expectativa é que por meio dessas ferramentas, sejam proporcionadas oportunidades para que os estudantes compartilhem suas dificuldades e necessidades, fortalecendo a escuta e o apoio oferecido pelos professores e pela coordenação. Dessa forma, o objetivo é impactar positivamente a vida dos estudantes, dos professores e da equipe pedagógica, contribuindo para a promoção de um ambiente escolar mais saudável e acolhedor.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

De forma interprofissional, envolvendo estudantes e professores dos cursos de medicina e psicologia, o projeto Adolescer II concentrou-se na interseção entre saúde mental, ambiente escolar e familiar. O envolvimento da equipe com referenciais teóricos e a implementação de ações práticas junto à escola ressaltam a relevância dessa temática na formação dos estudantes participantes desta extensão.

O projeto contribuiu para a compreensão prática da definição de saúde da Organização Mundial de Saúde, que a concebe como um estado de completo bem-estar físico, mental e social, indo além da mera ausência de doença. Durante os encontros e experiências com adolescentes e seus professores, destacou-se o impacto das relações interpessoais na saúde individual e no processo de aprendizagem, fornecendo insights valiosos para a formação de médicos e psicólogos.

A iniciativa “Adolescer II” promove a construção de novos conhecimentos, habilidades e atitudes relacionados à saúde mental e adolescência. Além disso, contribui para o exercício teórico-prático entre diferentes profissões da área da saúde, visando aprimorar a atenção à saúde da comunidade.

As narrativas dos participantes destacam a necessidade contínua de espaços no ambiente escolar dedicados a identificação e acolhimento das questões psíquicas dos estudantes adolescentes, assim como a importância de abordá-las com o corpo docente, que se percebe sem competências para lidar com isso e também questiona se deve ser de sua competência em sala de aula, apresentar-se como continente para questões relacionadas ao sofrimento psíquico do adolescente, conflitos familiares e interpessoais. Nota-se que a relevância das habilidades socioemocionais no convívio escolar com estudantes, colegas e famílias, impactam diretamente nos processos de aprendizagem e na saúde dos envolvidos.

Guzzo e Ribeiro (2019), baseando-se nos estudos de Martin Baró, ressaltam que a saúde psicológica deve ser central na formação escolar, uma vez que a construção da subjetividade ocorre nas relações sociais e nas habilidades emocionais, integrando-se às competências cognitivas para fundamentar a formação acadêmica. A continuidade do projeto de extensão reforça a compreensão de que o desenvolvimento de conhecimentos, habilidades e atitudes para os estudantes de Psicologia e Medicina contribui para a formação integral dos acadêmicos, proporcionando experiências significativas em cenários reais de prática, como nas atividades extensionistas do “Adolescer II”.

5. REFERÊNCIAS

- ALARCON, S. Saúde Pública, Saúde Mental e a Lógica Ampliada ad: Redução de Danos. In: Saúde Mental para atenção básica. Nina Soalheiro (Org.), 2017.
- AVANCI, J.; ASSIS, S.; OLIVEIRA, R.; FERREIRA, R.; PESCE, R. Fatores associados aos problemas de saúde mental em adolescentes. In: Psicologia: Teoria e Pesquisa, vol. 23, nº3, Brasília, 2007. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-37722007000300007 Acesso em: 22, fevereiro de 2020.
- BECKER, D. O que é Adolescência. Coleção Primeiros passos. Editora Brasiliense, 1989.
- BOCK, A. A adolescência como construção social: estudo sobre livros destinados a pais e educadores. In: Psicol. Esc. Educ. 11 (1), Jun 2007. <https://doi.org/10.1590/S1413-85572007000100007>
- CALLIGARIS, C. (2000). A adolescência Coleção Folha Explica. São Paulo: PUBLIFOLHA.
- CARNEIRO, L., OLIVEIRA, A. L., CUNHA, F., CASTRO, L., LIMA, J., SIMÕES, C., & Ribeiro, C. (2022). Saúde Mental em Jovens Adultos: O Impacto da Pandemia COVID-19. In: Revista Portuguesa De Psiquiatria E Saúde Mental, 8(1), 6–11. <https://doi.org/10.51338/rppsm.248>
- CONSELHO NACIONAL DE JUVENTUDE - CONJUVE. Juventudes e a pandemia do coronavirus. Relatório nacional. 2ª edição. 2021. Disponível em: <https://atlasdasjuventudes.com.br/juventudes-e-a-pandemia-do-coronavirus/>. Acessado em 12 julho 2022.
- COSTA, M *et al.* Pró-Saúde e PET-Saúde como espaços de educação interprofissional. In: Interface-Comunicação, Saúde, Educação, v. 19, 19 Supl. I, p. 709-720, 2015.
- COUTINHO, L., SAGGESE, E., & CABRAL, I. Agravamento das vulnerabilidades infanto-juvenis: uma análise sociopolítica do sofrimento psíquico durante a pandemia de covid-19. In: Desidades - Revista Científica da Infância, Adolescência e Juventude, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.54948/desidades.v0i31.46041>

- FIOCRUZ. ConVid Adolescentes - Pesquisa de Comportamentos. 2020. Disponível em: <https://convid.fiocruz.br/index.php?pag=principaladolescentes>
- GUZZO, R. S. L., SILVA, S. S. G. T. Escola, família e psicologia: diferentes sentidos da violência no Ensino Fundamental. In: *Psicologia Escolar e Educacional*, 23, 1-9, 2019.
- GUZZO, R. S. L.; RIBEIRO, F. M. Psicologia na Escola: Construção de um horizonte libertador para o desenvolvimento de crianças e jovens. In: *Estud. psicol. Rio de Janeiro*, v. 19, n. 1, p. 298-312, jan. 2019. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-42812019000100017&lng=pt&nrm=i-so. acessos em 30 jul. 2023.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE. Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar. Tabelas 2009 - 2019: Análise de indicadores comparáveis dos escolares do 9º ano do ensino fundamental. 2019. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/educacao/9134-pesquisa-nacional-de-saude-do-escolar.html>
- LACERDA, A.C.G. et al. ADOLESCER: UM PROJETO DE EXTENSÃO SOBRE A SAÚDE MENTAL DE ADOLESCENTES NO AMBIENTE ESCOLAR. In: *REVISTA DA JOPIC*, v. 6, n. 10, ISSN 2525-7293, p. 82 - 07, 2021.
- MARQUES, E. S. et al. A violência contra mulheres, crianças e adolescentes em tempos de pandemia pela Covid-19: panorama, motivações e formas de enfrentamento. *Cadernos de Saúde Pública*, v. 36, n. 4, 2020.
- MINAYO, M.C.S. O Desafio do Conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde. 8 ed. São Paulo: HUCITEC, 2004.
- ORGANIZACIÓN MUNDIAL DE LA SALUD (OMS). Salud para los Adolescentes del Mundo: una segunda oportunidad em la segunda década, 2014.
- ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE (OMS). Saúde mental depende de bem-estar físico e social. Nações Unidas Brasil, 2016. Disponível em: <https://nacoesunidas.org/saude-mental-depende-de-bem-estar-fisico-e-social-diz-oms-em-dia-mundial/> Acesso em 24 de fevereiro de 2020.
- PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, LILIANA. (Org.). *Pistas do método da cartografia: pesquisa intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Sulina, 2010.
- SIRQUEIRA, C. G., SILVA, E. D. S., SILVA, N. A., SANTOS, C. B., FERRO, J. S. (2022). Cuidados durante a Pandemia: uma abordagem sobre saúde mental para escolares do ensino básico. In: *DiversitasJournal*, 7(3). <https://doi.org/10.48017/dj.v7i3.2169>